

Cidades Possíveis EPISÓDIO: Fome Zero AION CINEMATOGRAFICA	
1. BLOCO	
VINHETA DE ABERTURA	Música
Entram imagens do fogão a lenha. Pannelas no fogo. Plantações variadas.	
	GUSTAVO (FAO) A001 > C0001 (03:08 - 05:42) Surgiu da prática brasileira, surgiu da FAO, o tema Fome Zero, erradicar a fome.
Entram imagens de hortas, agricultores caminhando pelos corredores das plantações.	
	José Guilherme (EMBRAPA) A001 > C0008 (05:31 - 08:24) É inegável que o Brasil se transformou numa potência agrícola, dentro de um modelo fortemente dependente de insumos industriais e mecanização. Esse modelo, embora tenha tornado o Brasil um grande celeiro de alimentos, acarretou em questões sérias do ponto de vista ambiental e que também é pouco menos tocada na saúde dos trabalhadores rurais e daquilo que o cidadão está consumindo.
Agricultura mecanizada, áreas de monocultura.	
	Hans Temp - ONG Cidades Sem Fome - B001 > C0043 (00:43 - 02:22): Então, a diferença da agricultura urbana para o grande agronegócio é nítida. O agronegócio produz

	commodities que são produtos que, na maioria das vezes, não vão pra mesa dos consumidores, ou brasileiros ou estrangeiros. A agricultura urbana não produz commodities, a agricultura produz comida, essa é a grande diferença.
Letterings: Fome Zero	Música
Imagens de plantações, de pessoas se reunindo para comer, em volta da mesa.	
Entra VINHETA DO PROGRAMA	
Planos das hortas e das pessoas trabalhando nas plantações na ONG Cidade Sem Fome, checam a irrigação.	
	HANS TEMP - A001 > C0001 (00:56 - 01:55): Então, Organização Cidades Sem Fome ou ONG Cidades Sem Fome tem uma proposta de utilizar terrenos ou áreas urbanas que não tem nenhuma destinação específica até aquele momento e transformar aquilo em polos de produção de alimentos, ao mesmo tempo, inserir pessoas que estão em uma situação de vulnerabilidade social muito acentuada e fazer com que essas pessoas tenham oportunidade de trabalho e renda. E Cidades Sem Fome foi o nome que a gente escolheu que expressa o potencial que uma metrópole como São Paulo tem de fazer negócios alternativos. Então Cidades Sem Fome quer dizer produção de alimentos dentro de uma metrópole, dentro de um espaço urbano e que essa produção consiga inserir várias pessoas que estão em uma necessidade bem grande em

	novas oportunidades de trabalho e renda com a produção e a comercialização de produtos orgânicos em espaços urbanos.
Imagens da área de cultivo.	
Planos das hortas e das pessoas trabalhando.	<p>HANS TEMP A001 &gt; C0002  (00:37 - 02:32): No início, a gente tinha a proposta de fazer hortas comunitárias, só que as hortas comunitárias sempre tinham, ou até hoje, em vários países, tem um sinônimo de ser um paliativo pra situações de crise, "tô desempregado, vou fazer uma horta pra ter alguns alimentos que eu uso no dia a dia"....// Aí, ao longo do tempo, a gente começou a mudar essas estratégias, a nossa ideia era criar um modelo onde as pessoas ou os beneficiários que fossem escolhidos, eles tivessem um impacto social, econômico e ambiental muito positivo em relação a isso, por quê? Porque hortas comunitárias não expressam uma garantia de vida para o beneficiário, é uma situação passageira, é uma situação pontual de melhora de vida, mas não dá uma sustentabilidade nem econômica nem social. Então esse processo foi transformado em negócio social...//</p>
	<p>B001 &gt; C0032  (00:17) Seu Antônio : Bom dia  (00:18) Hans: Bom dia, Seu Antônio.  (00:19 - 00:21) Seu Antônio: Você me arruma umas mudas de</p>

	<p>alface?</p> <p>(00:21 - 00:23) Hans: Arrumo. Como é que você tá? Tudo bem?</p> <p>(00:24) Seu Antônio: Tudo bem.</p> <p>(00:26) Hans: Alface crespa?</p> <p>(00:27) Seu Antônio: É</p> <p>(00:27) Hans: Vai plantar?</p> <p>(00:28) Seu Antônio: Vou.</p> <p>(00:29 - 00:31) Hans: Você tem produção própria, pro autoconsumo?</p> <p>(00:31 - 00:32) Seu Antônio: É só para mim mesmo.</p> <p>(00:32 - 00:35) Hans: Só pra você? E tá dando certo o plantio?</p> <p>(00:35) Seu Antônio: Tá.</p> <p>(00:36 - 00:39) Hans: Então tá bom, vamos lá, tem umas mudas aqui. Vamos lá, pega lá.</p> <p>(00:44 - 01:12) Hans: Aqui, Seu Antônio, tem umas mudas aí, vai pegando, fica à vontade. Pega o quanto você precisa aí. Se precisar de mais tem outras, tem repolho, tem brócolis, acho que tem couve. Se precisar outras coisas, só pegar aí tá?</p> <p>(01:12) Seu Antônio: Tá bom.</p>
Imagens das pessoas trabalhando nas hortas.	
	<p>HANS TEMP A001&gt;C0002</p> <p>(02:33 - 04:16) E a proposta desses negócios sociais é você selecionar pessoas da comunidade ou pessoas do entorno dessas hortas que estão em uma situação de vulnerabilidade muito grande, pessoas que já tem uma idade mais acentuada, pessoas que</p>

<p>Planos das pessoas trabalhando, destacando as expressões delas.</p> <p>(Possível letterings: Cidade Sem Fome gera emprego e renda para a população carente da periferia de São Paulo)</p>	<p>tem pouca ou nenhuma escolaridade, pessoas que tem pouca experiência profissional que de alguma forma não conseguem mais ser inseridas no mercado formal de trabalho. Aí eles são qualificados dentro das hortas urbanas, eles passam por uma capacitação na produção de alimentos orgânicos em espaços urbanos. E aí a Cidade Sem Fome, lógico, ela busca os diversos atores, ela busca concatenar diversos atores que fazem com que essa sustentabilidade ambiental, social e econômica possa existir. As hortas comunitárias não tinham esse viés. Hoje, essa produção gigante, uma parte dessa produção é vendida para uma grande empresa, a gente trabalha em uma determinada escala, pra que os beneficiários tenham assegurado a sua renda ao final do mês.</p>
<p>Imagens das hortas.</p>	
	<p>HANS TEMP A001&gt;C0002</p> <p>(04:30 - 05:57): As técnicas agrícolas estão baseadas em um conceito, o conceito é assim, já que a gente tá iniciando um novo paradigma, uma nova proposta pras áreas urbanas, é assim, é começar logo a produzir o mais orgânico ou o mais limpo possível. Então a ideia é produzir produtos de alto valor nutritivo sempre com produção agroecológica, produção orgânica. E as técnicas, assim, os insumos</p>

	<p>que a gente utiliza são todos insumos naturais ou insumos que a gente consegue próximo do local. Por exemplo, a gente está na cidade de São Paulo, onde a característica não é a agricultura, então você tem uma dificuldade enorme em conseguir determinados insumos. Então a proposta da Cidades Sem Fome é sempre utilizar o que a comunidade ou o que a região tem de insumos pra poder fazer esse tipo de projeto. Então todos os nossos insumos, na verdade, são insumos muito simples, a gente usa esterco de galinha, esterco de cavalo, calcário agrícola que é fácil de utilizar. E aí tem uma metodologia pra produção desses alimentos, então as técnicas são técnicas muito simples, relativamente simples, que podem ser replicadas em qualquer parte da cidade ou do país.</p>
<p>Imagens de Hans Temp caminhando entre os corredores das plantações, homens remexendo a terra com pás.</p>	
	<p>HANS TEMP B001 &gt; C0050/Áudio HANS_013_6ch (00:13 - 01:48): Uma das coisas que me deixa muito entusiasmado com essa questão da agricultura urbana é você imaginar que existem milhares de espaços como esse aqui. E só nesse lugar aqui tem 38 mil pés de alface. Se a gente conseguir comercializar a 2 reais cada um, a gente gera</p>

	<p>um recurso de 76 mil reais por colheita. Então, com 76 mil reais você pode beneficiar ou melhorar a vida de vários beneficiários. Então o grande desafio, meu é fazer com que vários espaços como esse aqui sejam construídos na cidade de São Paulo ou no Brasil. Então, na verdade, a saída da pobreza da população brasileira é que existam ou sejam criadas políticas públicas que realmente beneficiem essas pessoas mais carentes. Técnicas a gente tem, conhecimento técnico nós temos, <i>know-how</i> nós temos, o que a gente precisa simplesmente é que as políticas públicas ela seja um pouco mais fortes, mais relevantes para que pessoas pobres possam ter aquele empurrãozinho necessário para sair daquela miséria absoluta, da pobreza absoluta, porque oportunidades, a cidade de São Paulo, o Brasil inteiro oferece.</p>
<p>Imagens das pessoas regando e trabalhando nas plantações.</p>	
	<p>GUSTAVO - FAO A001 &gt; C0001 (07:32 - 09:59) Os últimos relatórios da FAO, os últimos artigos que a FAO publica, o próprio Ex-Diretor Geral, quando saiu o tema ODS 2 - Fome Zero, se dizia o seguinte: o segredo da erradicação da fome no mundo já foi revelado, já se sabe como combater a fome no mundo, como se diminuir a fome no mundo. Isso é uma</p>

	<p>verdade, se a gente vê as estatísticas da FAO nos últimos 15 anos, a população vêm aumentando e a fome vem caindo em números, não é em porcentagem. Milhões e milhões de pessoas vêm nascendo e milhões de pessoas vêm diminuindo a fome. O número de famintos no mundo é menor...//... e se chegou a 700 milhões de famintos no mundo, que baixou de 1 bilhão, e isso foi uma coisa fantástica. Esse segredo foi revelado um pouco pela produção de alimentos, que é grande, uma oferta abundante de alimentos, mas também pelo tema de você criar programas sociais, você combater a pobreza rural, você procurar promover a produção de alimentos locais, circuitos curtos, compras locais.</p>
<p>Planos das hortas.</p>	
<p>Entram caracteres: Assentamento Amarildo Águas Mornas - SC</p>	<p>FÁBIO FERRAZ A001 &gt; C0009 (00:35 - 01:41): Na verdade, nós somos um assentamento da reforma agrária, mas mesmo a gente já sendo assentado há mais de 3 anos, as políticas de reforma agrária ainda não chegaram até as nossas famílias. Então a gente buscou uma estratégia autônoma que permitisse a gente começar a gerar renda. Por não ter ainda acesso a créditos e às políticas do governo. Então beber um pouquinho da fonte de outras experiências, como o pessoal no Paraná, o próprio laboratório da UFS, o Lacaf, já tem realizado essas experiências de cestas. A</p>

<p>Fábio descarrega produtos da van.</p>	<p>gente pegou um pouco dessa realidade e adequou à nossa realidade. A gente, por exemplo, não tem muitas frutas, é um pouco diferenciado o Sistema. E a questão do valor também, a gente sempre quis colocar um valor bem baixo para que seja o máximo possível acessível ao conjunto dos trabalhadores. Começamos devagarinho, com 7 cestas, ao passo que foi aumentando, a propaganda boca a boca, foi crescendo e hoje a gente está com 60 cestas e 6 pontos de entrega coletiva em Florianópolis.</p>
<p>Entram caracteres: CEPAGRO - CENTRO DE ESTUDOS E PROMOÇÃO DE AGRICULTURA DE GRUPO.</p> <p>Entram caracteres:</p>	<p>ERIKA SAJAE A001 &gt; C0016 (00:25 - 01:52): Cepagro é uma Ong, existe há 30 anos, em 2020 vamos fazer 30 anos. Ela teve o seu começo histórico com participações que compunham um conselho deliberativo do Cepagro, e nos últimos 15 anos o Cepagro é composto por pessoas, tem um corpo diretivo composto por pessoas e a gente, desde então, vem fortalecendo muito esse trabalho da agroecologia no campo e na cidade. A gente tem feito todo esse trabalho de envolver, tanto o processo de organização dos produtores, através de uma rede, a Rede Ecovida, da qual a gente faz parte desde o início, mas viu a importância também de trabalhar com a outra ponta que é o consumo, o consumidor e fazer com que essas duas pontas dialoguem e se articulem, porque o papel</p>

<p>O CEPAGRO tem sede no Centro de Ciências Agrárias da UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina.</p>	<p>do consumidor na cidade não é só comprar e consumir, mas entender como esse processo acontece no campo até para a valorização do agricultor. Nesses últimos tempos o Cepagro tem trabalhado muito nesse enfoque, trazer essa relação campo cidade mais próximo.</p>
<p>Plantação do CEPAGRO, estufas.</p>	
	<p>FÁBIO FERRAZ A001 &gt; C0009 (04:04 – 04:54): Trabalhar na agricultura é muito gratificante, infelizmente nós temos um nicho de mercado que coloca os orgânicos num preço muito alto, a gente sempre teve desde o início das nossas lutas de ocupação, esse compromisso de produzir alimento saudável a baixo custo, mas infelizmente ainda não consegue atingir a grande maioria da população. Tendo em vista que não se trata só de baratear o preço dos alimentos, mas também de aumentar o poder aquisitivo da população. Então a gente entende que vem cumprindo nosso papel enquanto compromisso social de produzir um alimento saudável, mas ainda falta bastante para fazer com que aqueles que mais precisam, consigam acessar esse tipo de alimento.</p>
<p>Imagens das cestas com legumes e hortaliças.</p>	
	<p>FÁBIO FERRAZ A001 &gt; C0009 (05:03 – 06:16): Uma das estratégias que a gente está tentando construir para</p>

	<p>acessar mais pessoas e que tem maior necessidade de uma alimentação mais saudável que são os trabalhadores mais da periferia mesmo, a gente está tentando abrir um ponto de feira aqui em Florianópolis, aos sábados, até porque dia de semana o pessoal está trabalhando...// A gente acha que é mais fácil de atingir esse público, mas de qualquer forma é uma luta conjunta. A gente precisa de uma política de reforma urbana, de reforma agrária, valorização do salário mínimo, reforma tributária, a gente precisa de uma sociedade um pouco mais justa para conseguir fazer com que essas pessoas tenham capacidade de se alimentar da maneira ideal.</p>
<p>Imagens da plantação de legumes.</p>	<p>TAIANA A001 &gt; C0010 (00:43 - 02:33): Para mim é uma alegria, poder, além da saúde que é a busca do alimento orgânico, é você saber como ele está sendo produzido e que isso também está gerando uma maior justiça social. É legal, é diferente porque a gente não sabe o que vai vir na cesta, mas a gente sabe que tem um compromisso, por parte dos produtores, de enviar 2 itens de cada coisa, 2 temperos, 2 ervas, 2 chás, 2 legumes, 2 saladas, mas a gente nunca sabe exatamente o que vai vir. E isso também é legal porque obriga a gente a pensar, o que eu faço com isso? O que eu vou preparar? É uma surpresa, o que será que vem? Eu acho que muda</p>

	tudo, você consumir dentro desse conceito. Muda muito, porque você sabe que desde a produção daquele alimento, você está contribuindo para uma outra forma de relação social, mais justa, para saúde.
Planos da horta, destacando a variedade de frutas, ervas e hortaliças.	
	ERIKA SAJAE - A001 > C0016 (16:45 - 18:38):...// Mas acho que o grande exercício que o Cepagro tem tido é do trabalho em rede, acho que isso se mostra pelos projetos, quase não tem projeto isolado, onde o Cepagro vai lá e acontece sozinho. Ela tem toda a relação com a própria universidade, e a nossa proximidade com a universidade nos garante muitas vantagens no sentido de conseguir aliar pesquisa com o campo, a extensão e os professores também se beneficiam dessa relação que existe. E a gente tem visto isso nos espaços das universidades. Hoje, as universidades que pesquisam agroecologia, que pesquisam agricultura urbana, tem se aproximado porque esses temas estão comum em outros estados e nos outros países, e a grande sacada agora, é não estar sozinho, temos que atuar de forma coletiva com as redes que existem e assim que a gente vai ter força.
Planos das pessoas trabalhando no CEPAGRO.	
	CHARLES LAMB A001 > C0031

	<p>(00:10 - 00:19):...// A agricultura de grupo hoje, compreendida, ela não corresponde, só ao ambiente rural, mas também ao ambiente urbano, onde muitas práticas de agricultura foram sendo preservadas, por conta até da migração, das pessoas do rural para o urbano, trazendo essa cultura e depois evoluindo para um consumo mais consciente onde o consumidor busca saber aonde está sendo produzido aquele alimento que está sendo ofertado no supermercado, nas feiras e em diferentes comércios, pontos de comercialização.</p>
<p>Planos de corredores de cultivo.</p>	<p>ERIKA SAJAE A001&gt;C0016</p> <p>(03:30 - 05:29)Então a gente acredita muito na bandeira de que comer é um ato político, a partir do momento que você sabe de quem você consome, você também está apoiando de uma forma circular essa economia, para que esse desenvolvimento dos agricultores possa acontecer de forma aliada a quem está na cidade, possa entender e apoiar.</p>
	<p>MARCOS ABREU A001&gt; C0053</p> <p>(17:16 - 19:16):...a gente precisa de um programa de transição, por isso as agendas, como a Agenda ODS 2030, elas apontam pra saídas gradativas que transcendam governos e que elas estejam pautadas justamente na vida como centro e não na morte como o centro das políticas,</p>

	<p>mas na vida e não no lucro no centro das políticas, mas na vida no centro das políticas. Então eu acredito sim que é possível alimentar o mundo de forma agroecológica dentro de um programa de transição.</p>
<p>Planos das plantações da ONG Cidade Sem Fome.</p> <p>Imagens que destacam a agricultura urbana. (Ver imagens do PACUCO - episódio Consumo e Produção)</p>	<p>GUSTAVO A001 &gt; C0002 (00:19 - 03:06):... Existem alguns trabalhos que falam muito da agricultura urbana que as pessoas têm necessidade de se conectar ao passado. E o nosso passado é um passado da terra, que está na terra, nós viemos daí. Então há uma necessidade de você se conectar. Muitos trabalhos que tem na Europa, a agricultura urbana saiu e entrou, não como forma de você produzir alimentos, mas você se conectar com a terra, você se conectar com outras formas que você tinha uma necessidade. No Brasil, na América Latina, na própria África, a agricultura se transformou numa forma de você alimentar as famílias. Mas acho que são as duas formas. É vc se alimentar, você trazer uma forma de paisagem para a periferia das cidades, uma forma de lazer para as periferias das cidades, as pessoas, no final de semana, ou durante um tempo, terem sua hortinha, poderem cultivar e se conectar com outras coisas que não seja só urbana, mas também se alimentar, vender, você ter uma forma de ter um custo e alimento saudável. É muito importante, a</p>

	<p>agricultura urbana, nesses dois fatores. Alimentação saudável e conexão das cidades com uma outra forma de você pensar, de viver...//..., não existe um modelo de agricultura urbana, cada um vai encontrar um modelo, cada cidade vai encontrar o seu modelo, ou cada bairro, cada local, ou cada tribo vai encontrar um modelo de agricultura urbana. Mas essa agricultura urbana também leva a um mundo sustentável.//</p>
Planos de agricultura urbana.	
	<p>FÁBIO FERRAZ A001 &gt; C0014 (03:08 - 04:52): Acho que vale pontuar um pouquinho a questão da gente reivindicar a reforma agrária dentro de um espaço urbano. A gente já vinha discutindo e estudando a respeito desses conceitos que definem uma área como rural, como agrícola, como urbana. E, chegamos no conhecimento de alguns conceitos. Por exemplo, o que foi que a gente mais reivindicou que é o conceito de periurbano, onde uma área se torna agrícola não especificamente por estar distante do meio urbano, por estar no meio rural. Então, é qualquer área que tenha um potencial agrícola, que tenha um histórico agrícola, agrário, que seja levado em consideração também as famílias que residem naquele espaço. São esses elementos somados que dão sentido para uma terra ser passiva de reforma agrária ou não. E aí,</p>

	compreendemos a possibilidade sim de encontrar grandes latifúndios dentro dos perímetros urbanos que são passíveis de reforma agrária.
Planos do Fábio caminhando.	
	(01:18 - 02:50) a gente dedica nossa profissão para que o assentamento se desenvolva também no sentido da consolidação da agroecologia. Então, a gente pensou em um projeto de cestas de consumidores conscientes que pudesse gerar renda, mas que ficasse também dentro da nossa realidade de produção, realidade de materiais das famílias aqui dentro. Então, a gente começa a desenhar esse projeto, em que vão ter produções de hortaliças principalmente - hortaliças, temperos, chás -, que são coisas que se produzem mais rápido, que a gente já pudesse dar um início de comercialização para gerar renda e continuar aumentando esse projeto.
Planos de cultivo e de plantações, irrigação e colheita.	
	(02:53 - 04:17) A gente considera elementos de equilíbrio da ecologia também tanto do solo quanto da planta para que a gente produza esse alimento. Então, essa seria a nossa contrapartida. Esses nossos apoiadores que são consumidores de fato, mas a gente gosta de diferenciá-los simples consumidores. Não é simplesmente um consumidor

	<p>que está pegando o alimento lá e consumindo, ele está apoiando um grande projeto que é o nosso projeto de transformação real aqui dentro da comuna. E aí, esses nossos apoiadores entram com uma contribuição inicial no início do mês e com esse valor que é do mês fechado, a gente consegue ter um planejamento interno sem ter perdas.</p>
<p>Planos de pessoas comendo e reunidas em volta de uma mesa.</p>	<p>FÁBIO A001 &gt; C0014  (01:36 - 03:07) Então, a gente começa a construir a partir de três palavras: terra, trabalho e teto. E, a gente começa a construir uma ideia de agroecologia, uma ideia de autossuficiência e de uma visão coletiva da terra. Uma compreensão de que a gente tinha que ter uma relação com a terra que fosse totalmente coletiva, onde nós não fôssemos os donos. Nós estávamos ali com esse dever de buscar essa transformação na questão da agricultura em relação a possibilitar uma alternativa de agricultura diferente, uma alternativa de vida diferente, uma alternativa, inclusive, de relação social diferente</p>
	<p>FÁBIO FERRAZ A001 &gt; C0024  (00:10 - 01:26): Acho que um elemento que é fundamental deixar claro quando a gente fala sobre agroecologia é de construir a agroecologia como um novo paradigma agrícola. E, o que que eu quero dizer</p>

	<p>com isso? Que sim, a agroecologia tem completa capacidade de produzir alimentos para o conjunto da população mundial. Uma ciência que não consegue atingir a demanda da escala, essa dimensão da escala, é uma ciência que não nos serve, é uma ciência que fica setORIZADA. Então, uma agroecologia de pequena escala não nos serve. Temos que ter uma agroecologia em larga escala para produzir em quantidade necessária.</p>
	<p>FÁBIO FERRAZ A001 &gt; C0022 (02:22 - 04:23)E, não dá para falar da agroecologia sem falar de reforma agrária, porque a agroecologia tem a capacidade de produzir alimentos para toda a sociedade na escala humanitária, ela tem total capacidade desde que não seja na compreensão de concentração de terra. A gente compreende que é muito mais potencializada a produção agroecológica com mil propriedades...</p>
INTERVALO	
2. BLOCO	
Imagens de grandes áreas cultivadas e agricultura familiar.	Música.
	<p>GUSTAVO (FAO) A001 &gt; C0001 (10:40 - 12:31): O Brasil saiu do mapa da fome, é uma conquista. Mapa da fome é quando você tem menos de 5% abaixo da fome e que tem problema de segurança alimentar...// No entanto alguns fatores são</p>

	<p>preocupantes, como o aumento da pobreza, as pessoas sem condições de comprar alimentos, algumas populações muito vulneráveis que devem ser atacadas de forma mais forte. Quilombolas, indígenas. Nós vimos dados sobre crianças indígenas que tem índice grande de vulnerabilidade e insegurança alimentar. Então nos temos trabalhado com os estados brasileiros nas suas políticas de chegarem a essas populações mais vulneráveis, que são as que necessitam mais, hoje, de um ataque, que eu chamo das políticas públicas, de forma, não iguais para todos, mas respeitar as populações indígenas, a forma delas viverem e das populações quilombolas, chegarem adaptadas a elas.</p>
<p>Imagens de plantações. Poster com frutas e verduras e escrito: "DIREITO HUMANO À ALIMENTAÇÃO ADEQUADA"</p>	
	<p>MARCOS ABREU A001&gt;C0053 (09:39 - 11:34): A questão da segurança alimentar ela tá muito ligada com o conceito também de soberania alimentar que essa questão do alimento enquanto uma centralidade e que contrapõe a visão do alimento enquanto mercadoria. Rompe a lógica do alimento enquanto mercadoria que tá a serviço do lucro de grupos que estão associados as cadeias agroalimentares, de produção, distribuição e acesso a alimentação como um todo. Então quando a gente</p>

	<p>fala de segurança alimentar, a gente fala também de quem tá em segurança, de quem está passando fome, por exemplo, ou quem está se alimentando de forma muito inadequada. E aí a gente se depara com grupos da população, grupos periféricos da população, sejam pobres rurais, quilombolas, indígenas, ribeirinhos, sejam quem está nas periferias com pouquíssimo acesso. E são essas populações que realmente sofrem com a falta de acesso e de poder, porque hoje a gente tem muito assim, o poder de compra é que define, mas define pra quem? Pra quem tem poder de compra e pra quem não tem? Quem não tem necessita de políticas que garantam direito humano à alimentação adequada, que garantam segurança e soberania alimentar.</p>
<p>Imagens do projeto Sertão Mulher.</p>	
	<p>Nega - Projeto SerTão Mulher A001&gt;C0065</p> <p>(03:03 - 04:11):...é uma luta para conseguir espaço, a gente sabe que é uma luta, para os direitos é só tiro. A gente luta para conseguir uma coisa e no meio do caminho a gente perde outra e a gente vê que realmente alguém se preocupou em fazer esse projeto Sertão Mulher e direcionar diretamente para as mulheres, é um sonho, é uma valorização enorme. Quando os meninos chegaram e disseram que era um projeto para mulher, eu fiquei... mesmo</p>

	<p>que não tivesse vindo diretamente para meu lote, que tem outras meninas que também trabalha aqui comigo no lote, é porque à tarde, elas estudam, as crianças vão para escola, elas sempre vão estudar na parte da manhã. Para mim, isso é um sonho, é uma grande valorização de a gente ver que é um direito que tá perdendo e principalmente em mulher do campo, que as coisas é muito mais difícil ainda para gente no campo. Para mim, isso é um grande projeto direcionado diretamente para a gente, as mulheres.</p>
<p>Imagens de mulheres trabalhando na lavoura.</p>	<p>DIOGO A001 &gt; C0066 (00:20 - 02:12):... a gente utiliza como base, práticas totalmente agroecológicas e um dos principais viés da gente são a própria conservação do solo. Então quando a gente chega, o pessoal tem costume de queimar, desmatar desorganizadamente. Então o que a gente faz? A primeira coisa são as orientações: acabar com queimada, desmatamento a gente evita ao máximo, práticas de conservação do solo, trabalhar sempre em curva de nível, utilizamos culturas que são companheiras, que se relacionam bem e que, ao mesmo tempo, traga um rendimento significativo para as famílias que vão ser beneficiadas.//</p>
<p>Imagens de mulher remexendo a terra com pá.</p>	

<p>Planos de mulheres e da paisagem local.</p>	<p>NEGA A001 &gt; C0065  (00:34 - 02:55):...É um projeto que é uma outra nova forma de trabalho, a gente tem que preservar em vez de estar queimando o próprio mato que a gente tira, a gente tem que voltar a compor ele de volta no solo, não tem mais aquele negócio de tirar e deixar sempre o solo descoberto, o companheirismo, que a gente... Como os meninos ensinaram, de primeira mata tinha de tudo e ninguém precisava de mais teto pra fazer uma plantação só, então assim, como vocês dá para observar, de tudo se encontra um pouco, que a gente já tirou o feijão, milho, já estão voltando a plantar e foi uma nova aprendizagem. Todo dia a gente aprendendo como lidar com o que a gente dizia que era a praga que também não é. Tem deles que vem que a gente não tem que devastar todos, a gente tem que só diminuir, mas com coisas naturais que não matam totalmente.</p>
	<p>Noaldo Araújo - Instituto Terra Viva A001 &gt; C0067  (00:17 - 01:16): Esse esse projeto ele é financiado pelo Fundo Socioambiental da Caixa Econômica Federal, foi uma disputa acirrada, são grandes concorrentes no país inteiro, mais de 200 propostas, e entre as três selecionadas foi a nossa, aqui do Instituto Terra Viva, em Alagoas, que trata exatamente do empoderamento da mulher e</p>

<p>Imagens das mulheres trabalhando na terra, elas reunidas - destacar as mulheres em várias situações.</p>	<p>principalmente a mulher rural. Porque a gente sabe das conquistas das mulheres, ao longo dos anos, elas vêm conseguindo seus espaços e, na zona rural, isso ainda não é uma realidade. Então o que mais... o que a gente tem a certeza do sucesso desse projeto é exatamente o empoderamento da mulher, a importância dela na agricultura. Ela como trabalhadora, como administradora do lar, sabe, como gestora do que aqui é plantado, do que aqui é repassado.</p>
<p>Imagens de mulheres trabalhando.</p>	
	<p>NEGA A001 &gt; C0065 (05:38 - 07:50):... //a gente vende tomate, couve, quiabos, coentro, alface, cebolinha, leva pra comer, principalmente, a gente leva pra casa, porque a gente tem que saber o que a gente vai comer e também leva pra vender. Tá sendo assim, uma saída nossa, um novo espaço que a gente tá ganhando para que a gente também possa se auto sustentar, ter uma liberdade também financeira, essa é que é a verdade. Tem hora que só depende, mas tem que trabalhar pra que você se auto sustente e agora aqui a gente tem nossa própria liberdade. A gente mesmo vem para cá, a gente cava, a gente planta, a gente aduba, a gente aprendeu a fazer tudo isso, nem foi uma escola que a gente aprendeu. Assim, eu</p>

	fui criada na roça, mas eram assim, nós limpava, fazia a coivara, queimava e deixava, tinha que estar limpo, isso aqui pra gente era sujeira. Hoje em dia para gente, isso aqui, tem que a terra estar coberta.
Imagens de mulheres caminhando por entre as plantações.	
	MARCOS ABREU A001>0053 (17:16 - 19:16): Então, eu enxergo que, assim, nós praticamos a agricultura, a humanidade, há 12 mil anos a gente pratica a agricultura. E isso nos dá uma aquisição que é todos nós, homens e mulheres desse mundo somos agricultores e romper com essa possibilidade é nos tirar das mãos e entregar pra que isso vire realmente mercadoria. Esse é um ponto. O outro é que a gente tem agricultura moderna, agroquímica há menos de 100 anos, especialmente no Brasil e é muito pouco tempo, porém baseado ainda num processo fundiário de latifúndios, isso associado à indústria agroquímica a um modelo de ocupação e de colonização de exploração da nação brasileira a partir de latifúndios, a gente tem um modelo que é a nossa característica agrícola do país. Desconstruir isso precisa de tempo, eu não sou ingênuo em dizer que a gente vai resolver isso amanhã...//
Imagens das grandes monoculturas e lavoura mecanizada.	

Pessoas utilizando agrotóxico.

MARCOS ABREU A001 > C0053  
(11:34 - 13:32) A gente também tem que entender que a gente está contrapondo um grande interesse que são as grandes empresas da cadeia agroalimentar que é o agronegócio, que hoje impera no mundo como as grandes cadeias e as grandes corporações. Então tá aí, a gente tem a junção de empresas como a Monsanto, a Syngenta, a Bayer, a Basf que estão todas no mesmo grupo empresarial e que elas produzem a semente, o veneno, o adubo e o remédio pra tratar doenças. Então a alimentação é esse atrativo desse modelo econômico do capitalismo baseado na geração de lucro a partir da sua prática, seja de exploração da natureza ou do trabalhador. Então é fundamental a gente pensar que a segurança alimentar tem que ser vista de forma ampla nesse aspecto. E aí a gente tem que agora, a partir desse momento, que a gente entende isso, a gente tem que parar e pensar de que interesses estão por trás de cada ação. Por exemplo, a gente não pode entrar em lógicas ou mesmo em propagandas enganosas dizendo que os agrotóxicos não fazem mal à saúde, tá comprovado. Quem faz pesquisa científica com liberdade, não direcionada por empresas tem demonstrado, nos últimos anos que a gente tem sido altamente contaminado e que esses produtos agrotóxicos

	<p>trazem um malefício enorme pra saúde humana.</p>
	<p>MARCOS ABREU A001 &gt; C0053 (14:53 - 16:25)A gente tem que restabelecer, criar outros fluxos na gestão de resíduos pautada pra produção de alimentos, a gente tem que restabelecer os ciclos pautado e baseado na ciclagem de nutrients, refazendo os ciclos do alimento e dos resíduos e mais do que isso, mostrar que é possível pensar em sistemas descentralizados e circuitos curtos, se não, a gente está entregue a essas grandes cadeias que não estão nem aí com as pessoas ou com a qualidade da alimentação ou com os impactos e externalidades.</p>
<p>Imagens de câmera subjetiva entre as plantações.</p>	
	<p>José Guilherme A001 &gt; C0008 (05:31 - 08:24): É inegável que o Brasil se transformou numa potência agrícola, dentro de um modelo fortemente dependente de insumos industriais e mecanização. Esse modelo, embora tenha tornado o Brasil um grande celeiro de alimentos, acarretou em questões sérias do ponto de vista ambiental e que também é pouco menos tocada na saúde dos trabalhadores rurais e daquilo que o cidadão está consumindo. Os aspectos mais preocupantes dizem respeito à saúde ambiental e dos agricultores que manipulam esses insumos industriais. E a agricultura orgânica surge aqui no nosso espaço de</p>

	socialização e muito voltada para uma agricultura de base familiar. Pensada para uma pequena e média agricultura onde a família tem o protagonismo na gestão do espaço físico.
Planos detalhes da terra, irrigação, sementes.	(08:46 - 10:38)//...Quando a gente fala alimento, não é so alimento, a gente fala, alimento, água, grãos e nutrientes. Então nós estamos num ambiente tropical de solos pobres e exportamos alimento, água e nutriente. E não tem como comparar esse modelo de agricultura convencional com o modelo de produção orgânica como a gente trabalha aqui, voltada a pequena agricultura.
Planos da Fazendinha/Embrapa.	
Entram caracteres: Fazendinha AgroEcológica KM 47 - Embrapa Seropédica - RJ	JOSÉ GUILHERME A001 > C0008 (01:16 - 04:18): A Fazendinha teve sua gênese no final dos anos 70 e início dos anos 80, a partir de um movimento estudantil que teve o apoio de professores da Universidade e pesquisadores das 2 instituições que compartilham o campus que é a Embrapa e... Em 1984, nós organizamos no RJ o 2o Encontro Brasileiro de Agricultura Alternativa, a partir daí foram criadas associações de agricultores biológicos no Brasil. No RJ foi fundada a Bio, no Paraná a OPA, em Brasília a Age, e o movimento começou a passar por um processo de organização, mobilização de alguns poucos produtores motivados com uma agricultura de base ecológica. A partir da criação das associações,

	<p>aqui no Campus do Km 47 iniciou-se uma mobilização no sentido de se criar um espaço para que os professores, pesquisadores e estudantes pudessem exercitar esse padrão de agricultura de base ecológica. E isso levou um tempo e a Fazendinha foi fundada efetivamente em 1993, então completou 26 anos de existência. Ela se dedica a formação de recursos humanos, a pesquisa científica, e a associação de um conhecimento junto a agricultores e a sociedade de um modo geral em princípios de agroecologia e produção orgânica.</p>
<p>Planos dos estoques de semente.</p> <p>Ele apresenta as várias plantas.</p>	<p>EDINALDO - A002 &gt; C0026 (00:10 - 02:36) R: Dada a importância de uma diversidade dentro de uma unidade de produção, a Fazendinha mantém essa casa de sementes que tem espécies alimentícias como milho, feijões coloridos, soja para agricultura orgânica, abóbora, fava, e espécies com dupla aptidão, que serve para alimentação e plantas regeneradora de solo. Temos o guandu, húmu e aveia. E temos também plantas adubadoras de solo para adubação verde. (Apresentando as plantas de adubação verde, vários nomes delas.) No total, a gente mantém cerca de 60 espécies que servem tanto para fazer pesquisa, como para fazer unidade de transferência de tecnologia..</p>
<p>Planos detalhes das sementes.</p>	<p>EDINALDO A002 &gt; C0026</p>

	<p>(02:55 - 04:21)É muito importante manter essa diversidade, a lógica do mercado, muitas vezes é você ir atrás da comercializadas, muitas vezes híbridas e que o agricultor não pode multiplicar. Então isso em a sua importância, é uma tecnologia. Mas o agricultor que trabalha com ecoecologia, é fundamental que ele também tenha essa preocupação de ter um banco de sementes. É caro você produzir e manter uma grande diversidade. Daí a importância dos bancos comunitários. Tendo um banco onde você troca com outros agricultores locais, você consegue manter uma diversidade grande e com custo compatível com a realidade do Brasil.</p>
<p>Entram caracteres: Aprospera</p>	<p>DIOGO A001 &gt; C0041</p> <p>(00:11 - 01:27) R: A questão da semente é assim: aqui a gente trabalha, busca trabalhar desenvolvendo, multiplicando sementes crioulas. Genéticas que a gente possa estar reproduzindo e compartilhando. A gente acredita que essa realidade da semente na agricultura hoje é uma realidade grave, onde são poucas empresas que tem o monopólio de variedades, que fazem de alguma maneira, o agricultor ficar dependente desse mesmo sistema, onde ele tem que, a cada ano, comprar a semente dele. Mesmo que ele possa ser um produtor de sementes, tem</p>

<p>Sementes crioulas: sementes tradicionais que apresentam variedades desenvolvidas, adaptadas ou produzidas por agricultores familiares, camponeses, assentados, quilombolas ou indígenas.</p>	<p>que passar pelas grandes empresas para recuperar essas sementes. Então, a gente vai numa outra ideia que é justamente não controlar a semente, mas disseminar as sementes, de produzir genéticas boas, porque as grandes empresas, as genéticas que elas usam para criar essas novas genéticas, muitas vezes são sementes crioulas.</p>
<p>Pessoas trabalhando na lavoura, mexendo na terra.</p>	
	<p>JOSÉ GUILHERME A001 &gt; C0020 (01:47 - 03:11): Na verdade, nós somos parte da natureza, e talvez uma questão fundamental é o distanciamento de nós humanos da natureza. Quando nós falamos do ambiente, nós temos que nos incluir no ambiente, nós somos parte dele. Então toda ação que nós promovemos nesse ecossistema, ela de alguma forma vai nos impactar. Se nós trabalharmos no sentido de construir processos mais equilibrados, não tenho dúvida alguma que isso de certa forma vai nos impactar de uma forma positiva e mais equilibrada.</p>
<p>Imagens da paisagem do cerrado. Entram os caracteres: Central do Cerrado - central de cooperativas que reúne organizações comunitárias de agriculturas familiares extrativistas do Cerrado e da Caatinga.</p>	
	<p>LUIS CARRAZA A001 &gt; C0001</p>

<p>Imagens de práticas agrícolas familiares do cerrado.</p>	<p>(00:34 - 02:50): A gente começou em 2004, com um grupo de 19 organizações comunitárias em 6 Estados, que se juntaram porque tinham produtos interessantes, conseguiam produzir e tinham dificuldade de comercializar. E do outro lado, essas próprias organizações percebiam que o mercado queria comprar os produtos e não conseguia por questões de logísticas, de não conseguir encontrar essas pessoas. Então a Central do Cerrado, ela surge para fazer essa ponte entre as organizações produtivas e os consumidores numa estratégia coletiva aonde a estrutura, a equipe e as estratégias são compartilhadas otimizando assim, toda uma estrutura, equipe e tudo mais...//... O pano de fundo disso tudo, é que o trabalho da Central do Cerrado, apesar de ser de comercialização, a comercialização não é o fim da cooperativa, é o meio de gerar renda para essas comunidades, para que a partir daí, a gente consiga ter, o Cerrado, a Caatinga e outros biomas sendo conservados, em termos da natureza, da biodiversidade, das funções ecossistêmicas que essas paisagens produtivas propiciam, com geração de renda, produção de alimentos, segurança alimentar, manutenção da cultura, dos modos de vida tradicional e dos territórios produtivos conservados. É um</p>
---	---

	pouco essa a tônica do nosso trabalho.
	<p>LUIS CARRAZA (07:39 - 09:56): Desde a concepção do Central do Cerrado, os pilares de atuação nosso são os produtos de base de agroextrativista sustentável ou agroecológico, então a gente trabalha com produto sem venenos, sem químicos, sem conservantes, sem corantes dentro de uma pegada de produtos mais naturais e saudáveis e trabalhamos com uma lógica dentro do comércio justo de garantir uma remuneração digna para o produtor, para quem processa, pra quem transforma, então a gente tem uma preocupação de construção coletiva do preço do produto de modo que todos que estão trabalhando na cadeia tenha uma remuneração digna. O que a gente procura fazer, é o dialogo com o consumidor, de que quando ele está comprando nossos produtos, ele tem uma segurança de que ele não está degradando a natureza, não está degradando socialmente ou não existe a exploração do trabalho análogo a escravo ou trabalho infantil ou uma questão de inIquidade de gênero. A gente trabalha sempre na perspectiva do respeito ao trabalho das mulheres, de empoderamento das mulheres nos processos, a gente tem uma preocupação de respeito ao conhecimento tradicional, então uma abordagem geracional, do</p>

	conhecimento dos anciões, dos velhos com os jovens. Uma preocupação de envolvimento dos jovens para dar seguimento ao trabalho.
Imagens de hortaliças, frutas, legumes.	
Imagens dos produtos sendo comercializados.	(12:45 - 14:28) A gente trabalha para organizar essas cadeias, um trabalho de fazer chegar produtos que nunca chegaram pra um consumidor da cidade. A gente quer promover esses produtos para fora também, mas o foco é o consumo local e é a partir daí que a gente acredita que isso vai ter uma sustentabilidade maior.
Imagens das pessoas na Aprospira.  Entram caracteres: Aprospira - Associação dos Produtores Agroecológicos do Alto São Bartolomeu.  Planaltina - DF	FÁTIMA A002 > C0010 (00:15 - 01:31): A Aprospira é um coletivo que teve origem do encontro de 6 agricultores no ano de 2014, dentro de um projeto, numa capacitação de projeto. Esses 6 agricultores se identificaram com a ideia da agroecologia, levantaram alguns pontos frágeis da realidade, da agricultura do território. A dificuldade com a água, o conhecimento agroecológico, um coletivo que representasse e um mercado para escoar sua produção.
Imagens das pessoas reunidas e trabalhando.	
	TIAGO A001 > C0007 (01:18 - 02:02): Como a gente tá num plantio orgânico e a gente vai ver também em volta, as agroflorestas e tudo, a gente consegue

	<p>equilibrar um pouco mais o clima, a terra e tudo aqui. Então, e por também plantar em consórcio. A gente sempre tá plantando em consórcio. Por exemplo, o coentro inibe a chegada do besouro pelo cheiro forte. Então a gente tenta o mais natural possível controlar. E quando necessário, a gente bate uma calda. A gente tem as caldas que são permitidas da gente bater pra prevenir e adubação foliar com vinagre e cal virgem.//... (02:06 - 02:30) E hoje, a gente tem coração aberto de dizer que não existe agrotóxico aqui dentro da chácara e produzimos muito mais e muito melhor do que na época que utilizava.</p>
<p>Caracteres: CSA - COMUNIDADE QUE SUSTENTA A NATUREZA</p>	<p>TIAGO A001 &gt; C0022 (00:10 - 01:24): Hoje, aqui na chácara, tudo que a gente produz, a gente distribui no CSA que é uma forma diferente de comercialização que se chama Comunidade que Sustenta a Agricultura. E isso trouxe pra gente agricultor uma dignidade muito maior, porque a gente plantava, colhia, ia pra feira e chegava na feira com o preço que estão pagando pelo produto e não o preço que a gente tá vendendo. Meu pai plantava convencional aqui, a gente chegou a colher cenoura, vender uma caixa de cenoura a 5 reais e em tempos diferentes, a mesma caixa de cenoura a 75 reais. Então o mercado tem disso, é desleal com quem planta e no caso do CSA, veio trazer pra gente</p>

	<p>essa tranquilidade, no qual eu sei que eu vou ter o meu salário no fim do mês e eu vou levar os alimentos pras famílias em Brasília. Então não tem essa questão do atravessador, a gente chama de coagricultor.</p>
Imagens das frutas, dos legumes, hortaliças.	<p>FÁTIMA A001 &gt; C0038 (03:27 - 05:44): Porque a abundância, ela vem dessa reconexão com a natureza. A natureza é abundante, é próspera. De uma semente nasce um pé de tomate que vai dar muitos tomates...//.., a diversidade, a quantidade de espécies cooperando umas com as outras. Isso é um novo paradigma. É paradigma de cooperação, de abundância, de prosperidade. E é nesse caminho que a gente busca viver e multiplicar. Levar isso para outros agricultores e agricultoras. E viver assim, feliz. Tem os desafios também, a gente não vai dizer que é só alegria e tranquilidade. Tem os desafios, os desafios de uma família, os desafios de produção, os desafios do próprio clima..</p>
	<p>FÁTIMA A001 &gt; C0038 (07:50 - 09:51)Do lugar que nós saímos, com 6 agricultores, hoje somos 40, levando essa possibilidade real e verdadeira de renda, de soberania alimentar, de cuidados com recursos naturais, zelo pela mãe terra que é quem nos alimenta e nos</p>

	<p>nutre todos os dias, esse respeito a grande mãe. Mãe de todos nós, abundante, próspera e generosa. Então como é que a gente vai tratar mal essa mãe? Como é que a gente vai envenenar quem nos nutre? Esse é o caminho que a gente escolheu trilhar.</p>
<p>Imagens gerais de bem estar na natureza, nos parques, em atividades agrícolas sustentáveis, animais, rios, mar. Fogão a lenha.</p>	<p>Música.</p>
<p>ENCERRAMENTO CRÉDITOS</p>	